



## **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM CORDÉIS: A COMPREENSÃO E VALORIZAÇÃO A PARTIR DO LOCAL EM DETRIMENTO DO GLOBAL**

João Clímaco Ximenes Neto

Laura Isabela Souza Bellarmino Ximenes

Michelle Santino Fialho

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Patrícia Cristina Aragão

*(Universidade Estadual da Paraíba- ximenesgeografia@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba- lauraisabelaximenes@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba- michelle-fialho@hotmail.com)*

**Resumo:** Com o advento dos estudos acerca da Educação Patrimonial e do Patrimônio Cultural material e imaterial, a Geografia buscou aprofundar discussões em meio aos novos desafios de construir caminhos para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, em face da necessidade de renovação das práticas de ensino que se apresentaram no início do século XXI. Desse modo, tal ciência tem lançado um olhar diferenciado para esses desafios, através da Geografia Cultural e do estudo da Paisagem Cultural. Objetivamos, no presente artigo, discutir sobre o ensino de Geografia na Educação Básica, tendo como enfoque a memória e o patrimônio no campo da Educação Patrimonial. Autores como Tardif e Lessard, Candau, Geertz, Santos e Sacristán nos dão o aporte teórico para refletirmos sobre a realidade vivenciada no trabalho docente, a problemática do ensino de geografia, mediante a formação da cultura global, e os novos confrontos entre saberes, culturas e práticas no contexto regional e local. Nossa proposta parte de um relato de experiência de pesquisa dissertativa, no campo da educação, com os alunos do ensino básico integral do IFPB (Instituto Federal da Paraíba), Campus Catolé do Rocha. Acreditamos que o papel do professor não se limita a sua disciplina, mas busca mediatizar através dela a valorização do local, das práticas culturais cotidianas e as experiências do sujeito a partir do lugar. Nessa perspectiva, surge a Educação Patrimonial, com o propósito de “autodespertar” o aluno para o saber geográfico, motivado pela necessidade de conhecimento do patrimônio cultural de sua cidade e região. Para tanto, propomos um trabalho de leitura e produção da Literatura de Cordel, em sala de aula, buscando resgatar /criar nos alunos a identidade com a cultura local. Palavras-chave: Cordel, Educação Patrimonial, Memória, Geografia.

### **INTRODUÇÃO**

O Patrimônio Cultural material e imaterial pode ser visto cotidianamente nas cidades e comunidades, em suas ruas, prédios públicos, praças, expressões culturais e nas tradições, onde se encontra construída a história dos indivíduos que fazem parte desse espaço, e nelas estão os referenciais de sua identidade cultural que, juntamente com outras tradições locais, compõe uma identidade local e nacional. Um dos principais pilares da Educação Patrimonial reside na possibilidade do cidadão ir além do conhecimento adquirido, passando assim a ter uma compreensão e uma valorização da diversidade do Patrimônio Cultural e da trajetória histórico-temporal que se encontra inserido, valorizando as estruturas que servem de base para tal.

Sendo assim Horta (1999) destaca:

(...) A Educação Patrimonial pode ser assim um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao desenvolvimento da auto-estima dos indivíduos e comunidades, e à valorização de sua cultura, como propõe Paulo Freire em sua ideia de “empowerment”, de reforço e capacitação para o exercício da auto-afirmação. (...) (HORTA, 1999:6).

Nesse sentido, as ciências humanas têm um importante papel na construção desse conhecimento, bem como no resgate da identidade do educando para com o seu meio social.

No campo da Geografia, particularmente, destacamos os estudos e a perspectiva da Geografia Cultural, em que o objetivo da abordagem é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas.

Segundo Roberto Lobato Corrêa (2000), os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural.

Sendo assim, o Patrimônio Geográfico Regional existente na perspectiva nordestina pode ser melhor estudado, absorvido, compreendido e valorizado a partir do momento em que o professor introduz discussões temáticas que não apenas trazem a luz ao local, mas também busca entender os acontecimentos globais através do lugar e suas particularidades.

Referindo-se à relação local-global, o geógrafo Milton Santos (1999), observa que

A ordem global busca impor uma racionalidade única, mas os lugares respondem segundo os modos de sua própria racionalidade. Enquanto a ordem global traz as escalas superiores e externas, a ordem local alicerçasse na escala do cotidiano — em que prima a comunicação — e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade. (SANTOS, 1999:49)

## **O DESAFIO DE EDUCAR E CONVIVER NA CULTURA GLOBAL**



Segundo Gimeno Sacristán (2002), aprender é assimilar e enraizar em tradições históricas de significado. Contudo, além disso, é uma forma de criar laços de semelhanças entre os sujeitos que experimentam processos de aprendizagem de uma cultura, desde que compartilhem algo que os assemelhe: forma de compreender, normas de civilidade, regras morais, padrões de avaliação estética, etc.

Nesse sentido a Educação Patrimonial se enquadra, tendo a frente um grande desafio: o de educar convivendo com uma cultura global.

Há, contudo, dúvidas se as culturas regionais e locais irão sobreviver à hegemonia de fluxos culturais globais que podem estar em vias de se transformar em uma cultura global. A dúvida torna-se preocupação quando se coloca na equação a probabilidade dessa cultura global submeter as manifestações locais a um processo de homogeneização a tal ponto de já não se reconhecerem as culturas tradicionais, em um futuro onde elas poderiam ser completamente suplantadas pelo global.

A globalização trouxe consigo a proposta da homogeneização, seja ela cultural, financeira ou política, na qual nenhum desses campos devem ser pensados de maneira separada; pelo contrário, estão atrelados.

Os anos 1990 trouxeram novas possibilidades para o desenvolvimento da globalização, pois foi neles que vimos a ampliação do ciberespaço, através do advento da Internet a nível global.

Nessa perspectiva, Canclini (2003) expõem a situação nos seguintes termos:

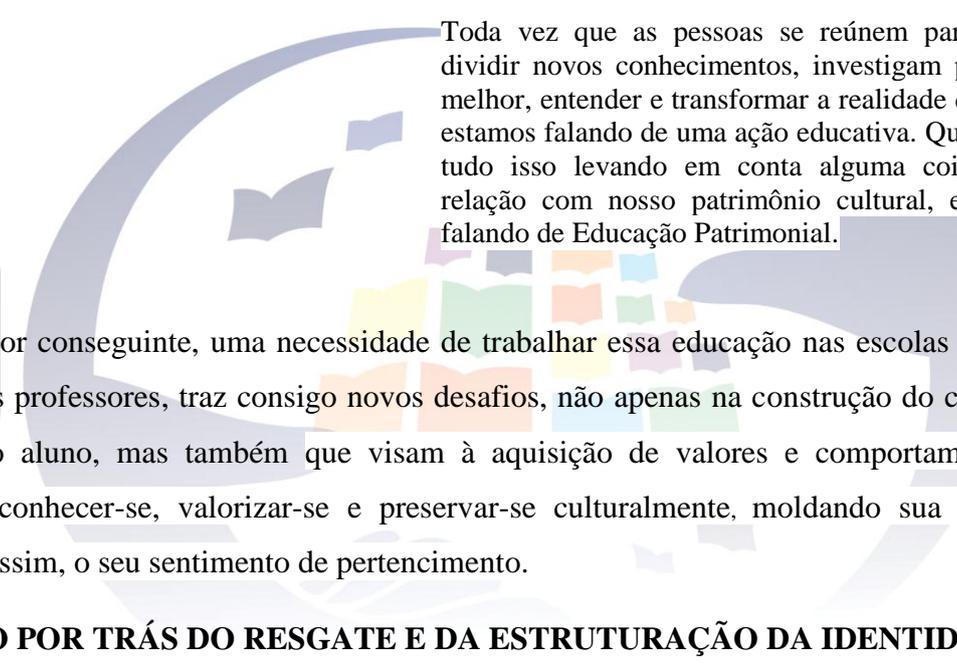
A globalização, que acirra a concorrência internacional e desestrutura a produção cultural endógena, favorece a expansão de indústrias culturais com capacidade de homogeneizar e ao mesmo tempo contemplar de forma articulada as diversidades setoriais e regionais. Destrói ou enfraquece os produtores pouco eficientes e concede às culturas periféricas a possibilidade de se encapsularem em suas tradições locais. Em uns poucos casos, dá a essas culturas a possibilidade de estilizar-se e difundir sua música, suas festas e sua gastronomia por meio de empresas transnacionais. (CANCLINI, 2003: 22)

Sendo assim, não cabe ao educador buscar suplantiar ou até mesmo descaracterizar a cultura global, mas sim entendê-la através do olhar local.

Mas que olhar local é esse? Até que ponto ele encontra-se “contaminado” com a perspectiva global e homogênea de entender, admirar, compartilhar e seguir os bens, as coisas, as ideias no âmbito material e imaterial?

Esse olhar local é construído através de vivências múltiplas, sejam elas familiares, religiosas, colegiais, etc. É desse contexto que a Educação Patrimonial deve se utilizar para promover um “autodespertar” no indivíduo, motivado pela necessidade de conhecimento do nosso patrimônio cultural, o qual envolve todos os segmentos que compõem o lugar, a comunidade, a escola, entre outros espaços, visando à preservação da cultura. Dessa maneira, compartilhando responsabilidades, fortalecendo a autoestima e gerando cidadania. Seu principal objetivo é a valorização dos indivíduos e das comunidades e toda a sua produção cultural.

Nessa perspectiva, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), considera que



Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial.

Há, por conseguinte, uma necessidade de trabalhar essa educação nas escolas e tal atitude, por parte dos professores, traz consigo novos desafios, não apenas na construção do conhecimento por parte do aluno, mas também que visam à aquisição de valores e comportamentos que o permitam reconhecer-se, valorizar-se e preservar-se culturalmente, moldando sua identidade e ampliando, assim, o seu sentimento de pertencimento.

## **O DESAFIO POR TRÁS DO RESGATE E DA ESTRUTURAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NA ESCOLA**

Vivemos dias de novas demandas, sejam elas sociais, culturais, políticas e econômicas, nos quais a hegemonia do pensamento e das práticas neoliberais dão o tom de comando das decisões e tendências a nível global.

Na contramão desse processo, que tende à homogeneização das coisas e das pessoas, encontramos em diversos países, regiões, cidades e lugares a resistência, que não resiste necessariamente ao novo, mas busca manter a chama da identidade regional e local através práticas, festas, oralidade, costumes, objetos, dentre outros.

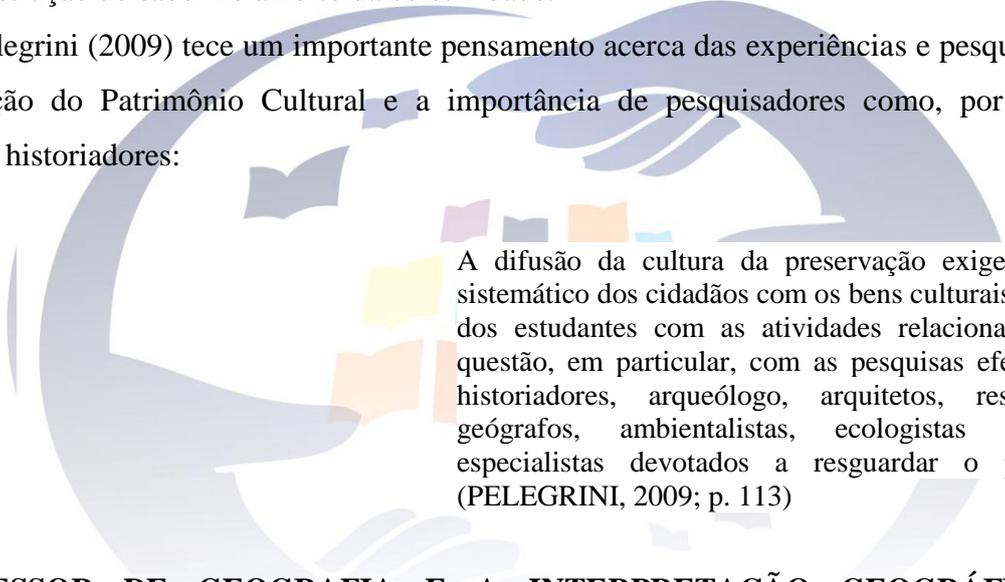


Entre os espaços de convivência social e de grande possibilidade de resgate e manutenção do Patrimônio Cultural destaca-se a escola e, conseqüentemente, seus atores hegemônicos - corpo docente e discente - que dão vida ao espaço através das relações socioculturais que têm suas raízes para além dos muros de concreto da instituição.

Concordamos com Candau (2014, p.37) quando enfatiza que *“conceber a dinâmica escolar na perspectiva de lidar com a pluralidade e a diferença, supõe repensar seus diferentes componentes e romper com a tendência homogeneizadora e padronizada que impregna suas praticas.”*

Nesse sentido, faz-se necessário entender o papel das ciências sociais, do professor, do aluno, respeitando e valorizando suas “cargas” emocionais e de vivência, sem por em segundo plano a construção do saber no âmbito da coletividade.

Pelegrini (2009) tece um importante pensamento acerca das experiências e pesquisas sobre a preservação do Patrimônio Cultural e a importância de pesquisadores como, por exemplo, geógrafos e historiadores:



A difusão da cultura da preservação exige o contato sistemático dos cidadãos com os bens culturais e naturais, dos estudantes com as atividades relacionadas a essa questão, em particular, com as pesquisas efetuadas por historiadores, arqueólogo, arquitetos, restauradores, geógrafos, ambientalistas, ecologistas e demais especialistas devotados a resguardar o patrimônio. (PELEGRINI, 2009; p. 113)

## **O PROFESSOR DE GEOGRAFIA E A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

A geografia é uma ciência que dialoga facilmente e constantemente com as demais ciências, principalmente com aquelas que, direta ou indiretamente, dividem com ela informações e conhecimentos, como é o caso das ciências humanas, em especial história e sociologia.

Nesse contexto, o patrimônio cultural possui uma expressão espacial constituída na própria identidade, quando o espaço transpõe o tempo na memória social ele torna-se patrimônio, campo conflituoso de representações sócio-políticas. Trata-se de um balanço provisório e teórico, procurando dar densidade às reflexões sobre o uso e ocupação do território a partir da

patrimonialização. Assim, o olhar do geógrafo inicia pela própria espacialidade, resultante da produção social.

Pensar as lógicas dos bastidores desse processo é de fundamental importância, cujo conhecimento empírico identifica rapidamente como paisagem, gerando importantes transformações socioespaciais. A nova categoria, Paisagem Cultural, também ganha destaque nesta discussão, uma vez que tem sido um instrumento importante em processos de tombamento.

De sua proposição e evolução nas discussões geográficas, o conceito foi apropriado pela UNESCO em 1992, para representar bens patrimoniais de relevância internacional no qual se manifestava uma influência clara e mútua entre ação humana e meio ambiente.

Passava-se assim, de uma concepção de patrimônio bipartida entre bem natural e bem cultural, para uma noção de patrimônio misto, integrado e interdependente, num processo lento da consideração do valor cultural de paisagens naturais.

Na mesma direção, o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao inventariar patrimônios materiais ou imateriais, seleciona seus territórios, ou seja; é no espaço que se materializa a ideia do tombamento. E a geografia, que sempre trabalhou com esses conceitos espaciais, não pode ficar alheia a esse processo.

Se olharmos o espaço geográfico, artificializado pela construção e/ou reconstrução humana, veremos a ação coletiva em sua estruturação e, conseqüentemente, os traços culturais deixados como marca e identidade dessa sociedade que a ergueu.

Sobre esse assunto, Milton Santos (2002) disserta que o espaço geográfico e sua formação pelo patrimônio urbano explica-se pela noção de totalidade cujas partes se agregam no todo, não representando somente a soma das partes. Deste modo o patrimônio e sua totalidade se compõem pelo conjunto das edificações tombadas, a composição da paisagem cultural, as relações sociais deste espaço e os significados do patrimônio e da memória coletiva.

Sendo assim, a paisagem e o espaço geográfico vislumbrados no Patrimônio Cultural material se apresenta como um campo fortuito de discussões e estudos da ciência geográfica, bem como a sociedade que o compõem, objeto principal do estudo da geografia, já que são as relações sociais que trazem sentido e “vida” para os espaços estruturados, e, nesse campo, observamos a vivência do Patrimônio Cultural imaterial expresso no cotidiano das pessoas que compõem aquele lugar.

O desafio do Professor de Geografia reside em inserir a Educação Patrimonial no cotidiano escolar, com o objetivo de não apenas promover o conhecimento, mas também de desenvolver no



aluno a consciência de pertencimento, e, conseqüentemente, de sua responsabilidade diante da preservação dos bens culturais materiais e imateriais. Para isso, entendemos que o papel do Professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem deve se embasar nos saberes curriculares, disciplinares e experienciais, valorizando a socialização e a contextualização na construção do conhecimento, concordando com Tardif e Lessard (2011), que afirmam:

Para ser coerente, é preciso não desconsiderar as perspectivas teóricas que abordam o ensino “pelo alto”, mas complementá-las com perspectivas que analisem a escola, os professores e seu trabalho “por baixo”, ou seja, a partir da aproximação entre o pesquisador e a escola, o pesquisador e os professores, que são, de fato, os atores dos processos de ensino que atuam diariamente nas salas de aula de todo o mundo.(TARDIF & LESSARD, 2011: )

Sabemos que o papel do geógrafo e da Geografia na atualidade é desafiador, pois desde meados da década de 1970 uma transição tem-se encontrado em andamento. Não apenas na esfera da Geografia e do seu interlocutor, mas também no seio da sociedade, que então tem adquirido *status* de sociedade informacional, fruto da Terceira Revolução Industrial e da globalização.

Com isso, a *neogeografia*, termo geográfico forjado em 1977 por François Dagognet, em outro contexto, mas que se aplica a esses conhecimentos e procedimentos digitalizados de compartilhamento (através do uso da internet), aponta para a evolução das relações de ensino e aprendizagem na atualidade. O desafio proposto se insere em várias direções, seja no contexto professor-aluno, no contexto professor-escola ou no contexto professor e estruturas tradicionais da Geografia.

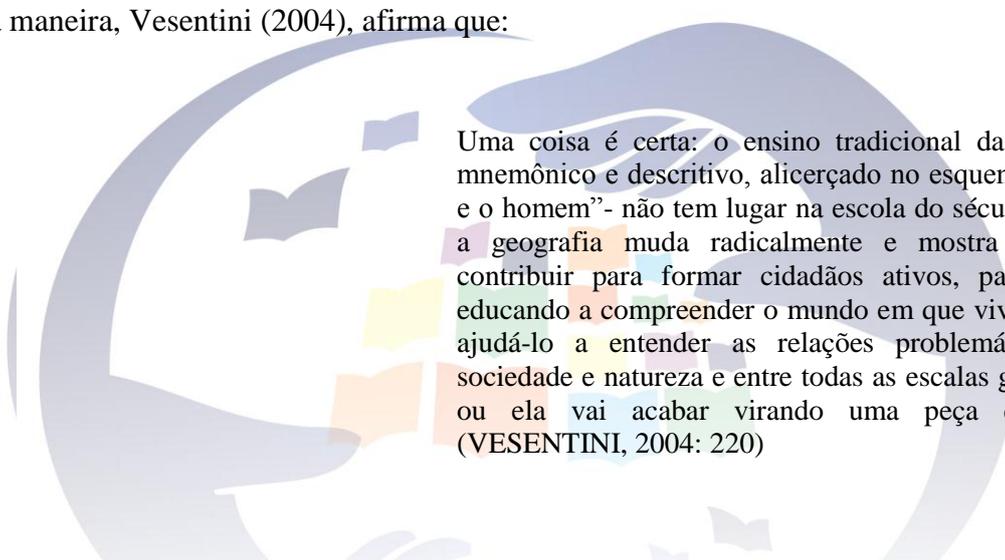
Callai (2001) realiza uma interessante abordagem acerca dessa problemática:

O mundo tem mudado rapidamente e com ele devem mudar também a escola e o ensino que nela se faz. Interessa discutir aqui o ensino de Geografia, que afora a sua especificidade como ciência é uma matéria presente em todo o currículo escolar da escola básica. Nesse sentido a geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania. (CALLAI, 2001: 34)

No atual mundo globalizado e interconectado, a dinâmica da construção dos saberes muda: o acesso a um sítio na internet é aberto a todos. Cada um pode, assim, participar dos debates que inflamam a sociedade: uma nova forma de “espaço público” nasce e com ela uma infinidade de informações, muitas vezes desconexas, imprecisas.

Nessa perspectiva, encontram-se as novas caracterizações da atual sociedade na qual se inserem os alunos, sujeitos a uma nova leitura com novas possibilidades de interpretação e informação. Como exemplo disso, Paul Claval (2010, p. 130) afirma que “Wikipédia serve tanto para propagar o erro quanto a verdade”.

Dessa maneira, Vesentini (2004), afirma que:



Uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia- mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o homem”- não tem lugar na escola do século XXI. Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos, para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre sociedade e natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando uma peça de museu. (VESENTINI, 2004: 220)

O ensino da Geografia, na atualidade, passa por um processo reestruturador, que se faz necessário graças às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. A ideia que se tinha de uma Geografia apática, decorativa e tradicionalista, na qual se preocupava a Geografia em ensinar conteúdos estáticos, como relevo, paisagens, cartografia, entre outros, aos poucos, desde a década de 1970, vem perdendo espaço. Por uma necessidade de “reinventar” para não se tornar dogmática e tradicional, a Geografia abriu espaço, a partir dessa mesma década, para uma visão crítica da sociedade e suas relações.

Ao mesmo tempo em que surgia essa nova corrente geográfica- que vem se expandindo no Brasil desde a década de 1980- embasada nos pensamentos científicos surgidos nos Estados Unidos, na Espanha, França, Itália, Alemanha e Suíça e em muitos outros países. Nesse contexto histórico da década de 1970, surgia para a humanidade a Revolução Técnico-científica-informacional, que aprofundava através de seus novos ramos, como a computação, a informática e a internet a relação



tempo e espaço, bem como o conhecimento das coisas e dos lugares, que seria uma verdade vivenciada por “todos” a partir da década de 1990.

Todavia, esse processo descrito pelo professor Milton Santos como a formação de uma sociedade informacional, e de um meio técnico-científico, trouxe novos desafios à perspectiva educacional para todas as disciplinas, em especial para a Geografia. É diante desse “admirável mundo novo” que a Educação Patrimonial se depara com desafios, que por vezes exige do educador uma postura inovadora e valorizadora do “novo” agregado ao “antigo”, na qual a construção da identidade e do sentimento de pertencimento do indivíduo ao seu lugar e a concepção de mundo pode ser trabalhada tendo o local como referência para compreender o global.

### **USO E PRODUÇÃO DO CORDEL: UM ELEMENTO CONECTIVO ENTRE O CONHECIMENTO, A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O LOCAL E O GLOBAL**

É nesse contexto que introduzimos a Literatura de Cordel como uma ferramenta de ensino e aprendizagem, geradora de uma identidade cultural, capaz de trabalhar com diversas temáticas e vertentes da geografia, seja no âmbito local, regional, nacional e global.

Atualmente, encontramos um vasto acervo de cordéis que podem ser utilizados como recurso didático, como folclore, lendas, ficção, atualidades, fenômenos naturais, comportamento, sociedade, economia, política, entre outros.

Entre os autores que podemos trabalhar em sala de aula, podemos destacar: Dilsom Barros, geógrafo e cordelista, Leandro Gomes de Barros e Manoel Monteiro, apontado como o maior representante do “Novo Cordel” brasileiro.

Por se tratar de um produto extremamente ligado às raízes nordestinas, o cordel vem carregado de significados culturais como expressões, lugares, pessoas, causos, entre outros, que auxiliam na construção do patrimônio cultural nordestino e, conseqüentemente, no processo de ensino e aprendizagem da geografia sob a égide da educação patrimonial.

Com a literatura de Cordel, temos um vetor de aproximação do educando com suas origens, com o conhecimento e com o descobrimento de inúmeras possibilidades de absorver e gerar informações.

Sobre o advento do “Novo Cordel”, o Poeta Cordelista Manoel de Barros afirmou, certa vez:





Os autores de hoje estão fazendo um trabalho diferenciado. Hoje, há cordelistas que possuem cursos superiores e especializações. Cordelistas que conhecem todo o Brasil e até países do exterior. Então, a vivência destes homens (que trazem na bagagem, antes da formação superior, uma cultura de massa, uma natural convivência com o povo), capacita-os a participar – por exemplo – de conferências, cursos e palestras para universitários em qualquer faculdade ou universidade brasileira. O que não acontecia ontem. Se o Novo Cordel está com toda esta evidência, é porque hoje os seus autores estão inserindo esta literatura nas escolas, nas salas de aula, e ministrando também interessantes palestras e conferências acerca do assunto...

Em nossa proposta de trabalho, após o contato, a identificação, o manuseio da literatura de Cordel, o educando será convidado, através de grupos de trabalho, a produzir bimestralmente cordéis, que tratem das temáticas estudadas em sala de aula, sobretudo as temáticas ligadas à realidade local e regional.

Por fim, é objetivo do presente trabalho buscar parcerias com o IFPB- Campus Catolé do Rocha e com a Secretaria de Educação do Município para que os cordéis produzidos pelos alunos possam ser reproduzidos graficamente e distribuídos nas Escolas Municipais e Estaduais da cidade, para uso didático, junto às aulas de geografia. Acreditamos que um trabalho dessa natureza contribuirá significativamente para a valorização do nosso patrimônio cultural e da educação patrimonial, tornando, assim, as aulas de geografia mais inovadoras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura de Cordel, o ensino de geografia, o Patrimônio Cultural e a Educação Patrimonial formam uma teia de possibilidades diversas relacionadas ao conhecimento, aos saberes, ao resgate da identidade local, à valorização do processo de ensino e aprendizagem, a um autodespertar, à compreensão de temas ditos globais pela ótica do local e seus impactos na sociedade local, dentre outros.

Mesmo diante dos encantos das novas tecnologias de comunicação e da nova relação espaço/tempo, promovida pela rapidez das informações e contatos no ciberespaço e suas redes sociais, o desafio é animador, pois entendemos que podemos utilizar a nosso favor todos esses recursos, criando possibilidades de construção do conhecimento que insira o olhar do local sobre o global, que promova a cultura e seu patrimônio local em detrimento do global.

Com essa proposta, aliada a uma produção própria e local de Cordéis, entendemos que podemos ir além da lógica de mercado, limitada a conhecimentos específicos que pouco ou nada favorecem o ato de educar. Reiteramos, ancorados no pensamento de Candau, que o processo de repensar a escola inclui um reposicionamento, no qual, para existir a reinvenção, a escola hoje não pode ser reduzida a uma lógica de mercado.

## REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. *A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?* (p.133-152). In: Terra Livre, n.16 (Paradigmas da Geografia, Parte I). São Paulo: AGB, 1º semestre 2001.
- CANCLINI, Nestor Garcia *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas*. In: Educação: Porto Alegre, impresso, v. 37, n.1, p. 33-41, jan/abr. 2014)
- CLAVAL, Paul. *Terra dos Homens: a geografia*. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional: Museu Imperial, 1999.
- DE BARROS, MANOEL. (entrevista a Rubenio Marcelo – 31/08/2008)
- Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/manoel-monteiro-e-o-novo-cordel-entrevista>
- Acesso em: 05/09/15
- IPHAN-<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginaIphan> ( acesso em 05/10/15)
- PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio cultural: consciência e preservação*. São Paulo : Brasiliense, 2009.
- SACRISTÁN, J, G. – *Educar e conviver na cultura global* – Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999 e 2002.
- TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- VESENTINI, José William. (org). *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.